



O Corpo Negro Migrante e a sua Territorialidade: um estudo sobre o projeto musical Corpo Território em Florianópolis

Acadêmica: Elen Cristina Dornelis
Orientador: Prof. Dr. Harrysson Souza da Silva
2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

Elen Cristina Dornelis

O corpo negro migrante e sua territorialidade: um estudo sobre o projeto musical
Corpo Território em Florianópolis

Florianópolis

2024

Elen Cristina Dornelis

O corpo negro migrante e sua territorialidade: um estudo sobre o projeto musical *Corpo Território* em Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Harrysson Luiz da Silva.

Florianópolis

2024

Dornelis, Elen Cristina

O corpo negro migrante e sua territorialidade : um estudo sobre o projeto musical Corpo Território em Florianópolis / Elen Cristina Dornelis ; orientador, Harrysson Luiz da Silva, 2024.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Geografia. 3. Território. 4. Territorialidade. 5. Migrante. I. da Silva, Harrysson Luiz. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Geografia. III. Título.

Elen Cristina Dornelis

O corpo negro migrante e sua territorialidade: um estudo sobre o projeto musical
Corpo Território em Florianópolis

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Geografia.

Local: Sala 331 - CFH, 08 de agosto de 2024.

Prof. Dr. Lindberg Nascimento Júnior
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Dr. Harrysson Luiz da Silva
Orientador

Profa. Dra. Maria Helena Lenzi
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Ana Carolina Santos Barbosa
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Florianópolis, 2024

Dedico este trabalho à minha mãe, meu pai, aos que vieram antes de mim e aos que estão chegando, dedico aos orixás à minha Iyá Leke e Iyá Le.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesma por não ter desistido e ter chegado até aqui. Honro minha religiosidade, pois sem os orixás e minha fé, não teria enfrentado todos os meus medos. Agradeço a Oxum de maneira especial, por me mostrar diariamente a minha própria potência.

Agradeço aos mais velhos, meus ancestrais que me deixaram um caminho incrível a ser seguido. Agradeço à minha mãe, Denilza, que durante meus quatro anos de curso pré-vestibular nunca soltou minha mão; sem dúvidas é minha referência. Ao meu pai, José Geraldo, homem negro, forte, dedico cada linha desta pesquisa, por me ensinar que o sonho é tudo que temos, e que nele podemos fazer o que quisermos. Foi isso que fiz, sonhei, e hoje tenho realizado.

Agradeço a minha Iyá Leke que cuida de mim e me ajuda a não perder o foco, a sempre olhar o futuro sem medo do passado. Agradeço imensamente à minha Iyá Le, que não soltou minha mão em nenhum momento, que vibra com minhas conquistas e está comigo nos momentos difíceis.

Agradeço a Laura Gelpi, Natte Malunga, Amanda Ramos e May Tavares, que além de construírem o *Corpo Território* comigo, foram compreensíveis em pausar o projeto para que eu pudesse finalizar minha escrita. São pessoas incríveis que a vida trouxe para mais perto.

Agradeço a minha amiga Samille, que sempre me traz de volta ao centro e me mostra a importância de confiar no processo. Ela é uma grande inspiração, uma amiga que ganhei, e um grande afago da vida.

Por último, mas não menos importante, sou grata ao meu orientador, Professor Dr. Harrysson Luiz da Silva, que teve muita paciência em todo o processo de construção e escrita deste trabalho. Ele soube administrar e compreender a forma não linear do meu aprendizado. Obrigada por olhar tão de perto minha territorialidade e buscar uma conexão com o que eu queria dizer. Obrigada pelas mensagens, pelas respostas rápidas, por me orientar de verdade. Sem dúvidas, sem a sua parceria nada faria tanto sentido.

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma, mas não sou só
(Nunes, 2021)

RESUMO

Esta pesquisa aborda a territorialidade do corpo negro migrante através do projeto *Corpo Território*, um espetáculo cênico musical desenvolvido e apresentado em Florianópolis (SC), que integra conceitos de território, territorialidade e corpo negro migrante. Com base na metodologia STEAM, os atos cênicos são explorados como recursos didáticos para o processo de ensino e aprendizagem, promovendo não apenas a expressão artística, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais. A pesquisa investiga como esses atos podem efetivamente representar e concretizar os conceitos geográficos em questão, em especial a territorialidade, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar as narrativas e experiências dos corpos negros migrantes no contexto territorial e cultural do Brasil.

Palavras-chave: Território; Territorialidade; Corpo negro migrante; Geografia; Atos cênicos.

ABSTRACT

This research addresses the territoriality of the black migrant body through the project *Corpo Território*, a musical performance developed and presented in Florianópolis (SC), integrating concepts of territory, territoriality and black migrant body. Based on the STEAM methodology, the theatrical acts are explored as didactic resources for teaching and learning, promoting not only artistic expression but also the development of socio-emotional skills. The research investigates how these acts can effectively portray and embody the geographical concepts in question, particularly territoriality, emphasizing the importance of recognizing and valuing the narratives and experiences of black bodies within the territorial and cultural context of Brazil.

Keywords: Territory; Territoriality; Black migrant body; Geography; Scenic acts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Brainstorming	14
Figura 2 — Canvas: Introdução	16
Figura 3 — Canvas: Metodologia e Pesquisa	17
Figura 4 — Canvas: Síntese da justificativa	19
Figura 5 — Canvas: Fundamentação Teórica	20
Figura 6 — Canvas: Descrição do Ato Cênico	30
Figura 7 — Ensaio fotográfico do projeto Corpo Território (Foto 1)	37
Figura 8 — Cartaz de divulgação do espetáculo Corpo Território no Araçá Botequim	37
Figura 9 — Ensaio fotográfico do projeto Corpo Território (Foto 2)	38
Figura 10 — Ensaio fotográfico do projeto Corpo Território (Foto 3)	38
Figura 11 — Show Corpo Território no Araçá Botequim (Foto 1)	39
Figura 12 — Show Corpo Território no Araçá Botequim (Foto 2)	39
Figura 13 — Cartaz de divulgação do show Corpo Território no Festival Lanterna Mágica	40
Figura 14 — Show Corpo Território no Festival Lanterna Mágica	40
Figura 15 — Cartaz de divulgação show Corpo Território no Bugio Centro	41
Figura 16 — Show Corpo Território no Bugio Centro (Foto 1)	41
Figura 17 — Canvas: Protocolo espetáculo cênico musical	43
Figura 18 — Show Corpo Território no Bugio Centro (Foto 2)	45
Figura 19 — Canvas: Análise de Resultados	46
Figura 20 — Comentários no Instagram (1)	47
Figura 21 — Comentários no Instagram (2)	47
Figura 22 — Comentários no Instagram (3)	48
Figura 23 — Biografia e destaques no Instagram	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Aliados, Pansexuais, Não-binários e Mais
MVP	Mínimos Produtos Viáveis
STEAM	<i>Science, Technology, Engineering, Arts, and Mathematics</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 JUSTIFICATIVA	17
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
3.1 TERRITÓRIO	20
3.2 TERRITORIALIDADE	22
3.3 CORPO NEGRO	25
3.4 ESPETÁCULO	28
4 ATOS CÊNICOS	30
4.1 DESCRIÇÃO DOS ATOS CÊNICOS	30
4.1.1 Primeiro bloco: território	31
4.1.2 Segundo bloco: territorialidade	33
4.1.3 Terceiro bloco: corpo negro e ancestralidade	34
4.2 EXECUÇÃO DOS ATOS CÊNICOS	36
5 PROTOCOLO DO ESPETÁCULO CÊNICO MUSICAL	43
5.1 PROTOCOLO ATO 1	44
5.2 PROTOCOLO ATO 2	44
5.3 PROTOCOLO ATO 3	44
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
7 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios no meio acadêmico é a inovação. Esse é especialmente o caso das áreas do conhecimento em que o desenvolvimento de produtos técnicos e tecnológicos ainda é atravessado pelo dualismo entre as perspectivas da “tecnociência capitalista” e da “tecnociência solidária”. A primeira perspectiva é voltada, essencialmente, para o desenvolvimento industrial das aplicações da ciência e tecnologia, decorrente dos países desenvolvidos do hemisfério norte. A segunda, de base decolonial, procura desenvolver ciência e tecnologia orientadas por demandas sociais com base cultural, tendo em vista a geração de emprego e renda de forma inclusiva.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular¹ (BNCC) traz em sua estrutura a necessidade de desenvolvimento das habilidades socioemocionais e o desenvolvimento de metodologias ativas para processos de ensino e aprendizagem. Essa estrutura relaciona-se à metodologia STEAM (*Science, Technology, Engineering, Arts, and Mathematics*), que propõe que durante o processo de ensino, os estudantes assimilem conhecimentos de diversas áreas de forma integrada, concentrando-se em projetos comuns como base de estudo. Nesta pesquisa, adotamos a abordagem STEAM, utilizando a técnica de “modelagem *canvas*” para apresentar de maneira objetiva, simples, rápida e acessível os resultados obtidos. O *Business Model Canvas* — em português, “quadro de modelo de negócios” — é uma ferramenta de gerenciamento estratégico que permite desenvolver e esboçar modelos de negócios de forma visual e resumida.

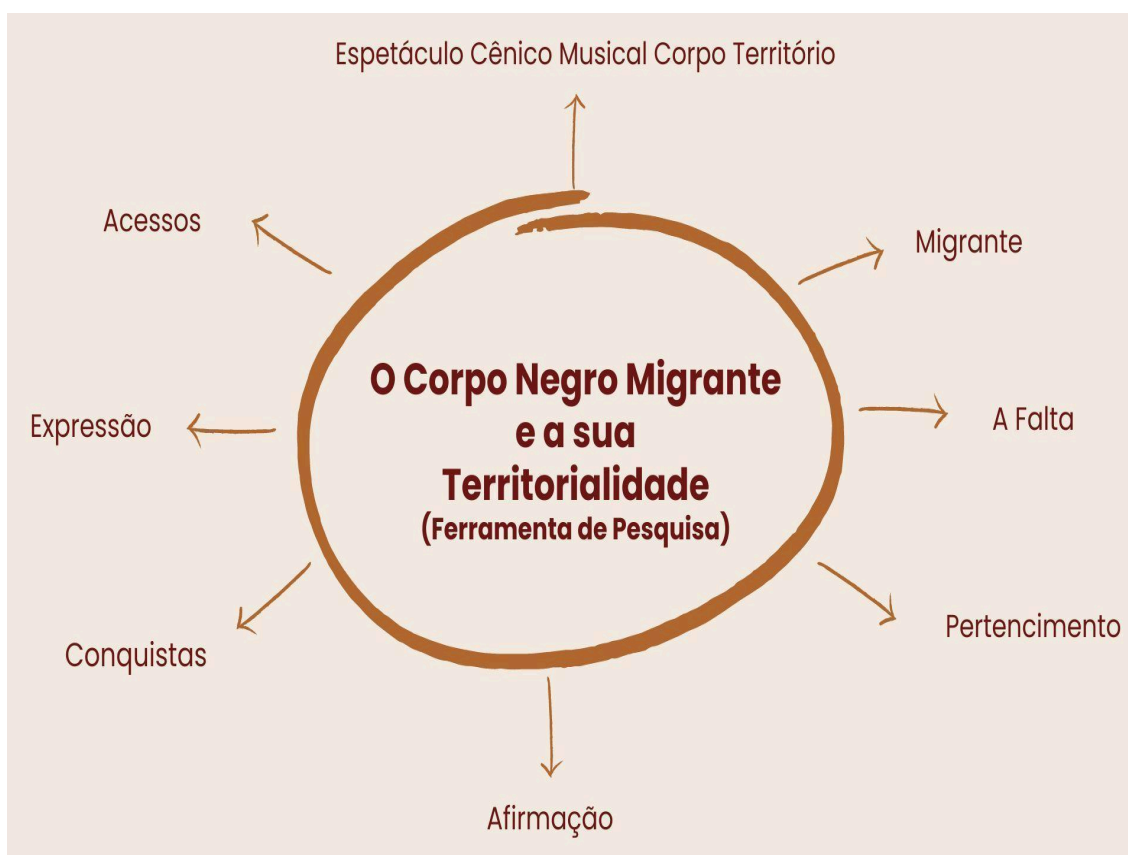
Na pesquisa, os modelos desenvolvidos por Harrysson Luiz da Silva, no Instituto de Geração de Tecnologias do Conhecimento — KW², foram adaptados e utilizados como mínimos produtos viáveis (MVP). Esses modelos permitiram integrar a territorialidade do corpo negro migrante em sua dimensão geográfica, utilizando atos cênicos como recursos didáticos que exprimem conteúdos programáticos no campo da geografia humana e cultural. Além disso, incorporaram a lógica da

¹Para maiores detalhes consultar a página da BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 mai. 2024.

²Ver: SILVA, Harrysson Luiz da (Org.). *Instituto de Geração de Tecnologias do Conhecimento: KW*. Disponível em: <https://kwinsitute.org/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

perspectiva STEAM, que fundamenta o desenvolvimento de competências socioemocionais através da interação entre arte e ciência, o que se constituiu como fenômeno investigado neste estudo. O processo incluiu um *brainstorming* (Figura 1) para identificar as variáveis dependentes e independentes da pesquisa.

Figura 1 — *Brainstorming*



Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

Dentro do tema sobre o corpo negro migrante e sua territorialidade, definiu-se como objeto de estudo o projeto *Corpo Território*. O espetáculo cênico musical *Corpo Território*, desenvolvido e interpretado pela pesquisadora, fundamenta o processo da pesquisa que relaciona o universo teórico dos conceitos geográficos e a experimentação do espaço cênico. Como indica a Figura 1, o tema central da pesquisa se desdobra em um amplo campo de investigação, que envolve: 1) acessos; 2) *Corpo Território*; 3) expressão; 4) conquistas; 5) migrante; 6) a falta; 7) pertencimento e 8) afirmação.

Espaço, território e região são categorias espaciais de análise dos fenômenos geográficos, que demarcam diferentes campos de articulação espaço-temporal, os quais englobam desde a gestão de direitos e deveres até as manifestações culturais dos diversos grupos humanos, incluindo os corpos negros migrantes, foco desta pesquisa. Historicamente, essas categorias foram desenvolvidas por diferentes escolas do pensamento geográfico, dentre elas, as perspectivas fisiográfica (da geografia física)³, social (da geografia humana)⁴ e cultural⁵ (da geografia cultural), que refletem os movimentos sociais e espaciais dos grupos humanos, seus direitos territoriais e suas formas de expressão cultural.

Tendo em vista a construção social do conhecimento geográfico, o conceito de *território*⁶ ganha destaque ao lado do conceito de *territorialidade humana*⁷. Este demarca não apenas aspectos territoriais, mas também sociais e culturais de diversos segmentos da sociedade. Esta pesquisa se concentra, especificamente, na *territorialidade do corpo negro*⁸ como um fenômeno de investigação, explorando como atos cênicos podem enriquecer o ensino e aprendizagem dessa temática de forma lúdica e educativa em diferentes contextos.

O objetivo geral da pesquisa é utilizar os atos cênicos do projeto *Corpo Território* como ferramentas de ensino e aprendizagem dos conceitos geográficos de *território*, *territorialidade* e *corpo negro migrante*. Os objetivos específicos incluem o uso dos atos cênicos do musical *Corpo Território* como recurso didático e a concretização do conceito geográfico de territorialidade como uma demarcação social e espacial do corpo negro migrante.

³SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

⁴CRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982

⁵CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: EDUSC, 1999.

⁶SILVA, Armando Corrêa da. *De quem é o pedaço*. Espaço e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1986.

⁷SOARES JUNIOR, A. Q.; SANTOS, M. A. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. *GEOGRAFIA*, Londrina (PR), 27(1), pp. 7–25, 2018.

⁸BRAGA, T. J. K. Do território da USP para a territorialidade do corpo negro. *Boletim Paulista De Geografia*, 1(104), pp. 205–226, 2020.

Figura 2 — *Canvas*: Introdução

Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

As variáveis dependentes são o pertencimento, falta, territorialidade, expressão, conquista e acesso aos contextos de cidadania, enquanto as variáveis independentes são o corpo negro e o migrante (Figura 2). Com relação aos contextos, buscou-se avançar da compreensão geral para a focal, como campo de demarcação que norteia o desenvolvimento da pesquisa.

Baseando-se nas considerações anteriores, o problema de pesquisa é o seguinte: os atos cênicos do espetáculo *Corpo Território* conseguiram expressar efetivamente a territorialidade do corpo negro e o conceito geográfico de territorialidade? Nessa perspectiva, os atos cênicos servem tanto como metodologias ativas para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, visto que as protagonistas desses atos são corpos negros migrantes, como também concretizam os conceitos geográficos de território e territorialidade através do corpo como espaço e lugar no campo da Geografia.

Paralelamente, os atos cênicos representam as Artes na metodologia STEAM, oferecendo diversas possibilidades para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e para o ensino e aprendizagem, não apenas no campo da geografia, mas em um espectro mais amplo de disciplinas e práticas educativas. Finalmente, os modelos *canvas* integram a dimensão de sistematização de processos operacionais da engenharia para facilitar o entendimento completo e contextual das questões desenvolvidas na construção desta pesquisa.

A estrutura do trabalho está vinculada à proposta metodológica da pesquisa tal como se apresenta na Figura 3. Após a introdução, apresenta-se, no capítulo 2, a justificativa da pesquisa. No capítulo 3, apresenta-se a revisão bibliográfica, que se fundamenta em quatro conceitos principais: território, territorialidade, corpo negro e espetáculo. Nos capítulos subsequentes (4, 5 e 6) apresentamos o estudo de caso e a experiência prática deste trabalho, o projeto *Corpo Território*. No capítulo 4, descrevemos o espetáculo e suas três execuções em Florianópolis. No capítulo 5, apresentamos o protocolo dos atos cênicos, a relação entre os conceitos e o projeto. Por fim, no capítulo 6, analisamos os resultados obtidos por meio das reações do público presente nas apresentações do *Corpo Território*, realizadas em Florianópolis.

Figura 3 — *Canvas*: Metodologia e Pesquisa

KW CANVAS – METODOLOGIA E PESQUISA	
Classificação Metodológica da Pesquisa	Procedimentos Metodológicos
<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem qualitativa; • Natureza – Pesquisa qualificada; • Procedimentos experimentais: bibliográfica e de campo dos atos cênicos e seus blocos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão bibliográfica • Ato cênico 1 • Ato cênico 2 • Ato cênico 3 • Modelo Canvas

Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa, que desenvolve um estudo de caso sobre o espetáculo cênico musical *Corpo Território*, justifica-se pela inserção da pesquisadora em atividades artísticas e culturais em Florianópolis (SC), um *hub* de inovação. Esse contexto proporcionou, tanto para a pesquisa quanto para a apresentação desse relatório, a relação entre arte e tecnologia, e permitiu expressar um conceito diferenciado no campo da Geografia Humana, o de corpo negro migrante.

Além disso, a pesquisadora é uma das protagonistas do *Corpo Território*, no qual se integra a narrativa do corpo negro migrante, o que despertou o interesse de colocar essa atividade artística como objeto da pesquisa de graduação de bacharelado em Geografia.

A realização prática dos atos cênicos do espetáculo *Corpo Território* tem como objetivo tornar acessível o conceito de territorialidade que se origina da Geografia Humana. Desse modo, esses atos cênicos são entendidos como um processo de ensino e aprendizagem. Os atos cênicos são realizados em espaços públicos, para corpos diversos com formas diversas de expressão, e produzem um impacto social ao afirmar a existência desses corpos e expressões nos territórios onde são realizados.

Este trabalho reflete o apoio de professores interessados em introduzir a geografia humana e cultural nas salas de aula, para além da geografia física, estimulando olhares decoloniais, atentos a realidades que estão encobertas no cotidiano.

Assim, esse estudo fundamenta-se teoricamente na articulação entre territorialidade e expressão artística e oferece uma abordagem prática e técnica através dos atos cênicos musicais, integrando uma justificativa social que é a afirmação do pertencimento do corpo negro migrante no território.

A Figura 4 apresenta uma síntese da justificativa deste trabalho. Os desafios encontrados (as dores), expressos como demandas qualificadas,

residem na necessidade de explicitar a territorialidade do corpo negro migrante através da expressão artística: o espetáculo *Corpo Território*. As soluções propostas (os analgésicos), por sua vez, são materializadas na realização do musical, através da expressão do corpo negro migrante e de sua territorialidade.

A Figura 4 também detalha os impactos técnicos, teóricos, metodológicos, sociais e gerais deste estudo, que refletem não apenas seus resultados científicos, mas também suas contribuições para o desenvolvimento tecnológico e social.

Figura 4 — *Canvas*: Síntese da justificativa

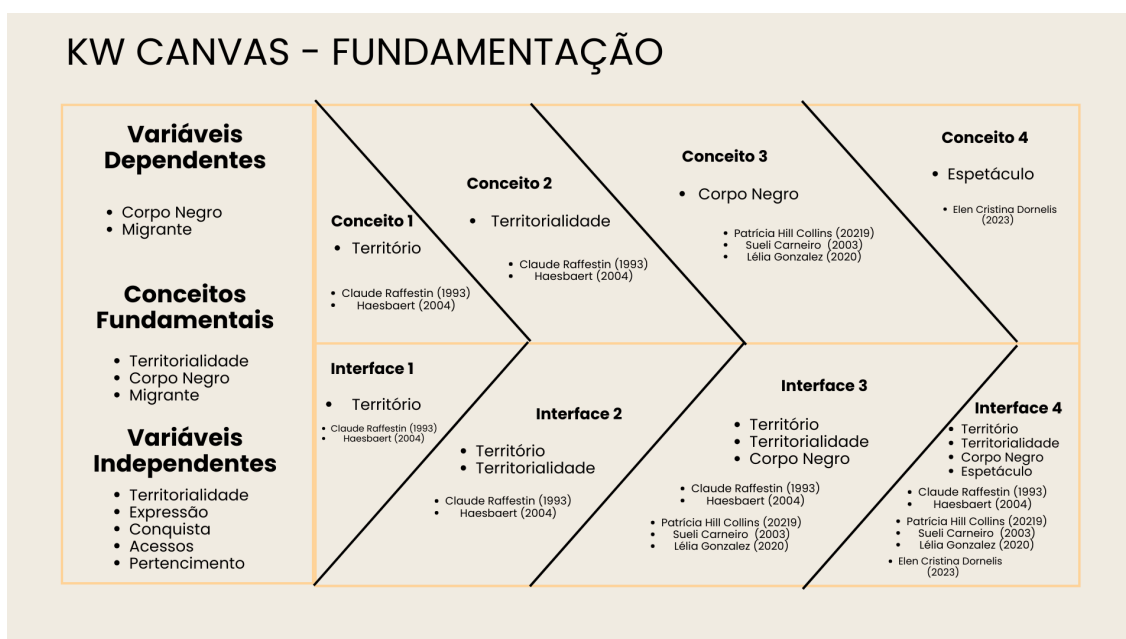


Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa se estrutura a partir de quatro conceitos: *território*, *territorialidade*, *corpo negro* e *espetáculo*. Neste capítulo, cada um desses conceitos será debatido a partir de uma revisão bibliográfica, como apresenta a Figura 5.

Figura 5 — *Canvas*: Fundamentação Teórica



Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

3.1 TERRITÓRIO

O território surge a partir do espaço e sofre diretamente a interferência de atores que o constroem sob uma perspectiva de poder. Dessa forma, os territórios são construídos de diversas formas e intenções, e seus os atores “territorializam” o espaço a partir de características de poder. Assim, o conceito de território é essencial para compreender a organização espacial e observar as relações de poder que dali emergem.

Raffestin (1993) faz uma importante diferenciação entre *território* e *espaço*. O território, para o autor, é uma construção derivada do espaço, configurada por atores que visam exercer poder, ou seja, o ator “territorializa” o espaço (Raffestin,

1993, p. 143). O espaço é algo já existente, sem interferência; o território, por sua vez, apoia-se nesse espaço e é produzido a partir dele. Nas palavras de Raffestin, "o espaço é a "prisão original", e o território é a prisão que os homens constroem para si" (1993, p.144). É importante atentar-se a essa diferenciação para que se possa analisar o território como um objeto múltiplo e complexo, superando a visão "unifuncional" do território que é predominante na perspectiva capitalista hegemônica. Segundo Raffestin,

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço (Raffestin, 1993, p. 143).

O espaço permite a construção de uma multiplicidade de territórios, diferentes entre si. Essa territorialização envolve uma série de ações e decisões que conferem ao espaço características específicas de poder, que vão além do poder dito "político" e envolvem as dimensões de dominação e apropriação. Conforme apresenta Haesbaert,

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional 'poder político'. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (Haesbaert, 2004, p. 1).

A construção do território, portanto, é uma manifestação de poder que está refletida em diferentes escalas da vida urbana, como a arquitetura, as divisões espaciais, as fronteiras, os critérios de ocupação, os valores das habitações, a mobilidade urbana, as escalas de ocupação e os símbolos que permeiam o espaço.

Um exemplo que demonstra as relações de poder social sobre o espaço é a organização de moradores de Higienópolis, bairro de alta renda em São Paulo (SP), contra a construção de uma estação de metrô no centro do bairro. Segundo reportagem da *Folha de S.Paulo*, alguns dos moradores preocupavam-se com camelôs e "drogados, mendigos, uma gente diferenciada..." (CIMINO, 2010), os quais poderiam ser atraídos pela estação. A não existência desse ponto de mobilidade urbana no bairro Higienópolis delimita um poder de acesso ao bairro, que

favorece principalmente aqueles que detêm veículos privados. Essas construções não apenas delimitam o espaço físico, mas também estabelecem hierarquias e relações de poder que influenciam as experiências dos indivíduos e coletividades que habitam nesses territórios.

Levando em consideração o corpo negro migrante, o território ganha uma dimensão ainda mais complexa. O Brasil, como território, foi construído sob violência colonial, com a dizimação dos povos originários e a escravização de africanos trazidos como mercadoria. Essa não foi apenas a construção de um território, mas a destruição de um território que já existia, com o apagamento de culturas e etnias, como se esse espaço nunca tivesse sido habitado (Gonzalez, 2020a). Esse apagamento reflete a construção de um território colonizado até os dias de hoje, onde o corpo negro não se sente pertencente.

Quando o corpo negro chega ao território brasileiro, já não reconhece esse como seu próprio território, pois foi sequestrado de seu território de origem. Da mesma forma, os corpos negros nascidos após a colonização no território brasileiro também não se sentem pertencentes, pois desde sempre tiveram sua liberdade tolhida por senhores, que os reduziram a empregados, privando-lhes de sua liberdade e do direito de acesso ao território.

Esse processo histórico resultou em uma estrutura de poder predominantemente branca e europeia, que marginalizou os corpos negros e silenciou suas vozes e experiências. Quando o corpo negro se torna migrante dentro do território brasileiro, enfrenta múltiplos obstáculos e é afetado por um sentimento de não pertencimento, pois, ao mesmo tempo que o território onde nasceu já não lhe pertence, o território para onde vai não o reconhece. Desse modo, se torna presente a sensação de não pertencimento territorial.

O território no Brasil, portanto, é a territorialização do espaço físico que reflete uma construção social que perpetua desigualdades e exclusões, e que faz com que corpos seletos obtenham poder, acesso e pertencimento.

3.2 TERRITORIALIDADE

A partir da identificação com o território é que se compreende a territorialidade. Isso porque a territorialidade se refere às experiências e relações que os seres humanos

desenvolvem com o território. Desse modo, a construção da territorialidade é diretamente influenciada pelo poder que o território exerce sobre as pessoas, seja por suas posições de privilégio e seus direitos de acesso, ou, inversamente, por suas posições de vulnerabilidade social, econômica, política e cultural. Por exemplo, um corpo negro que nasce em uma região periférica ou marginalizada, crescerá em um território menos privilegiado no que se refere ao direito de acesso ao centro urbano. Esse é um corpo que se constrói próximo de corpos iguais ao seu, e encontra em sua região, também, um lugar de pertencimento. Bell Hooks em “Pertencimento: uma cultura do Lugar” (2022) traz o lugar como construção social e nesse ponto as relações afetivas também se constroem e geram pertencimento, esse é um lugar de resistência para a população negra e periférica.

Esse laço de pertencimento com uma comunidade é rompido quando o corpo negro torna-se migrante. Ao se deslocar para uma região não periférica, onde existem pessoas com maior direitos de acesso e poder aquisitivo, esse corpo tem a sua territorialidade afetada: o corpo migrante passa a viver em um território desconhecido, que não é acolhedor e ao qual não pertence, pois não encontra acolhimento e afeto.

A territorialidade tem uma dimensão subjetiva que integra cultura, sentimentos e experiências pessoais e coletivas. Cada indivíduo, ao interagir com o território, contribui para a construção de uma territorialidade única, que reflete suas percepções e vivências particulares.

Haesbaert (2004) enfatiza que a territorialidade humana é moldada pelas construções territoriais preexistentes. O território, como expressão de poder, influencia diretamente as experiências e percepções dos indivíduos. Dessa forma, se o território é humanizado, diverso e compartilhado, a territorialidade terá como resultado uma experiência de identificação. Se é um território hierárquico, não diverso, enrijecido e com estruturas classistas, a territorialidade humana resultará em experiências de não pertencimento (Haesbaert, 2004).

Assim, compreendemos que a territorialidade é um conceito da Geografia Humana que dá legitimidade aos sentimentos singulares de cada corpo. Isso é especialmente relevante ao se considerar que, ao longo da história, os corpos negros não tiveram uma oportunidade de ser ouvidos, considerados ou legitimados.

O conceito de territorialidade permite pensar e discutir sobre o que os corpos sentem em relação ao território onde nascem e em que vivem.

Estando de posse do conceito de territorialidade, podemos lançar um olhar sobre os impactos da globalização e as constantes mudanças nos territórios, e observar como a transformação e a construção de novos territórios se refletem na territorialidade do corpo negro migrante.

A globalização oferece às pessoas que obtêm poder econômico e privilégios diversas ferramentas para expandir seus direitos de acesso e suas possibilidades de apropriação cultural. Essas pessoas privilegiadas podem acessar, através da internet, toda a produção cultural das periferias; além disso, tornam-se capazes de construir novos centros nesses territórios. Isso impacta os territórios construídos em áreas periféricas, em que a população negra aquilomba-se, em que a cultura periférica nasce e é construída, e nos quais é formada a territorialidade dos corpos negros que ali vivem.

Como o território é poder, ele também pode ser ressignificado e modificado quando pessoas que detêm mais poder realizam mudanças e se apropriam dos territórios existentes. Como resultado, o corpo negro já não se sente mais pertencente a esse território, e é forçado a migrar. Esse movimento traz ao corpo negro o sentimento de não pertencimento, iniciando uma incessante busca por um território onde possa se sentir reconhecido e compreendido, em sua singularidade e territorialidade.

A especulação imobiliária é uma das ações de poder que faz com que a migração seja forçada. Os territórios são ocupados e os corpos periféricos precisam migrar e, conseqüentemente, perdem seus lares. Com isso, esses corpos perdem também seu lugar de pertencimento, têm sua territorialidade afetada, pois precisam migrar para o lugar de desconforto, para o lugar onde eles não têm lugar.

Concluindo, podemos relacionar esse raciocínio ao argumento de Raffestin (1993, p. 14), que define territorialidade como a expressão das vivências e percepções dos indivíduos em relação ao espaço territorializado: "territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do 'vívido' territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral".

Pensar em territorialidade é refletir sobre a singularidade de um corpo e seu pertencimento a diversas comunidades. Quando um corpo não é acolhido,

compreendido ou não se sente pertencente, sua territorialidade é afetada, gerando um desconforto quase inevitável. É especialmente o caso de corpos negros que se tornam migrantes. Dessa forma, a análise da territorialidade envolve compreender como diferentes configurações territoriais impactam as experiências humanas, criando espaços que podem ser inclusivos ou excludentes, promotores de compartilhamento ou de segregação.

3.3 CORPO NEGRO

A territorialidade do corpo negro migrante é marcada por uma história de opressão e resistência. A escravização dos corpos africanos e a subsequente marginalização das populações negras resultaram na criação de territórios onde a territorialidade negra foi silenciada e subjugada. No entanto, a resistência e a resiliência dos corpos negros emergem como formas de reapropriação e reconfiguração desses territórios. Essas são ferramentas utilizadas para trazer o sentimento de pertencimento a um corpo e seu reconhecimento dentro de uma comunidade que partilha da mesma territorialidade.

A resistência cultural, as práticas religiosas, a música e a arte são exemplos de como os corpos negros migrantes transformam e reivindicam suas territorialidades, criando espaços de pertencimento e de identidade. Essas práticas culturais não apenas resistem à opressão histórica, mas também reafirmam a presença e a contribuição das populações negras na construção da identidade nacional brasileira.

Para entender a territorialidade do corpo negro migrante no Brasil, é necessário analisar as dinâmicas históricas e sociais que moldaram esse território. O Brasil foi construído por meio da violência colonial, com a dizimação dos povos originários e a escravização de corpos africanos trazidos como mercadorias, resultando em uma estrutura de poder predominantemente branca e europeia. Esta estrutura marginalizou e silenciou as vozes e experiências dos corpos negros. A manutenção de poder nos territórios é decisiva para a manutenção da invisibilização da potência de corpos negros.

Dessa forma, podemos compreender que a manutenção da estrutura de poder é necessária para que corpos negros não cresçam ou se sintam legítimos e pertencentes. Segundo Collins,

[...] suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização (Collins, 2019, p. 34).

Conforme aponta Gonzalez (2020b), a maneira como o território brasileiro foi pensado e construído, a partir da perspectiva dos imigrantes europeus, resultou em uma persistente “divisão racial do espaço”. Essa segregação territorial dos corpos negros foi deliberadamente construída e mantida por aqueles que detêm o poder.

“[...] assim sendo, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país. Refiro-me sobretudo à região Sudeste. Por isso mesmo, pode-se afirmar a existência de uma divisão racial do espaço em nosso país, uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra” (Gonzalez, 2020b, p. 84).

Ao trazer essa afirmação, a autora nos convida a refletir sobre a construção simbólica territorial das regiões do Brasil, marcada por uma perspectiva capitalista, europeia e colonizadora. Isso é evidenciado pela disparidade regional: a região Sudeste, considerada a mais desenvolvida, concentra quase dois terços da população branca (64%), já os corpos negros, que representam 69% da população brasileira, estão distribuídos em outras regiões do país, especialmente nas regiões mais pobres, no Nordeste e no estado de Minas Gerais (Gonzalez, 2020b).

Como a construção do território nacional está marcada por uma intencionalidade e uma perspectiva branca e europeia, aquilo que foge desse padrão simbólico é tido como estranho e não é reconhecido. Por exemplo, atualmente, existem muitas *startups* e empresas de tecnologia que estão sendo criadas e conduzidas por corpos negros localizados no Nordeste do país, o que é uma realidade que causa estranhamento e é de difícil aceitação. A passos lentos, esses

corpos negros têm se tornado protagonistas e conquistado reconhecimento em áreas que antes só se viam pessoas brancas, sobretudo homens.

Para ilustrar os movimentos de resistência e busca por protagonismo dos corpos negros, podemos citar cinco startups do Nordeste brasileiro que se destacaram em 2023, conforme relatado pelo site Startupi: Ela Faz, Edumi, Partiu, NoFront e Tindin (STARTUPI, 2022). Todas essas ações são voltadas à área de desenvolvimento educacional e são direcionadas para corpos negros periféricos.

Entendemos que essas ações e práticas contribuem para que o futuro seja construído a partir da perspectiva de corpos negros. Indo de encontro às proposições de Gonzalez (2020b), por mais pontuais que sejam esses exemplos, quando se pensa em territorialidade, cada comunidade, movimento e ação traz um sentimento de pertencimento, acolhimento e afirmação do corpo negro.

Dentro da comunidade negra, o corpo negro tem poder, no entanto, sua autonomia é restringida pela falta de acesso e de um lugar de pertencimento. Para a branquitude, é vantajoso que os corpos negros continuem sendo colocados como vítimas e não como protagonistas, assim a relação histórica de hierarquia se mantém. Os corpos negros são silenciados ao não ter a possibilidade de expor ou expressar sua territorialidade.

Collins (2019) discute a interseccionalidade das opressões enfrentadas pelos corpos negros, ressaltando como raça, gênero e classe se entrelaçam para formar experiências singulares de discriminação e de resistência. A autora argumenta que as experiências dos corpos negros são moldadas por múltiplas formas de opressão que se manifestam de maneira interseccional, criando desafios específicos para os indivíduos negros.

A falta de visibilidade e reconhecimento no âmbito intelectual é entendida por Collins (2019) como uma forma de opressão que impede os corpos negros de se apropriar de seus territórios. O lugar do intelecto se torna um campo de disputa de poder, avanço e reconhecimento, em que não é interessante que os corpos negros ganhem destaque em territórios em transformação. O corpo negro tem um saber ancestral que vem da sua construção de experiências e da sobrevivência. A afirmação desses saberes e da autonomia desses corpos é uma ameaça para aqueles que têm poder, considerando que o território brasileiro foi construído pelas mãos de corpos negros e povos originários.

Na perspectiva colonizadora, os corpos negros precisam estar em uma posição de subserviência, de vítima; e não de poder, autonomia e lucidez. É apenas dessa forma que se efetiva a manutenção das desigualdades. Por esse motivo, a territorialidade do corpo negro não é compreendida e nem aceita em uma sociedade que foi construída sobre uma estrutura colonial.

A territorialidade do corpo negro é profundamente enraizada em uma identidade. Quando dois negros se encontram, mesmo sem se conhecerem, reconhecem-se mutuamente, conectados por uma vida inteira de ancestralidade compartilhada. Por essa razão, a religiosidade africana, a música, o tambor, a capoeira e outros movimentos culturais são de importância vital para os corpos negros. A construção de territórios de pertencimento fortalece o corpo negro, e também contribui para que, fora dos quilombos, ele possa ser forte.

Carneiro (2023) destaca a importância da memória e da ancestralidade na formação da identidade negra. Cada lembrança, história contada ou registro serve para preservar essa identidade, evitando que se perca ao longo do tempo. A territorialidade do corpo negro é profundamente moldada pelas narrativas históricas e culturais de seus antepassados.

As suas falas revelam que é da força da autoestima, do reconhecimento da própria autonomia, dos exemplos, da conquista da memória e da ação coletiva que se extrai a seiva da resistência. A saída se dá pelo coletivo, onde o cuidado de si e o cuidado do outro se fundem na busca da emancipação (Carneiro, 2023, p. 13).

A comunidade negra é uma comunidade forte, que batalha pela existência dos corpos negros. Para os corpos negros migrantes, encontrar esses espaços de pertencimento, esses quilombos, é fundamental para sobreviver fora de seu território de origem. Migrar significa sair da zona de conforto, compreender a própria identidade e os aspectos de sua territorialidade.

Por isso, entendendo que a territorialidade do corpo negro foi moldada por séculos de escravidão e por políticas de segregação racial, mesmo após a abolição da escravatura, persiste o legado de discriminação que se manifesta como desigualdades sociais, econômicas e políticas. A resistência e resiliência dos corpos negros no Brasil evidenciam-se em suas diversas expressões culturais, nas lutas por direitos civis e na construção de espaços de pertencimento. A territorialidade negra,

portanto, é um testemunho da capacidade contínua de resistência e da busca incansável por justiça e igualdade.

3.4 ESPETÁCULO

O espetáculo cênico musical *Corpo Território*, que é um resultado dessa pesquisa, foi elaborado para expressar, através da arte musicalizada, diversas formas de traduzir conceitos geográficos ao público. Dividido em três atos temáticos, o espetáculo tem como objetivo proporcionar um sentimento de pertencimento a uma comunidade de corpos negros e migrantes, como veremos nos capítulos seguintes.

O propósito de um espetáculo cênico musical é impactar de maneira fluida, utilizando a arte da interpretação de grandes músicas populares brasileiras como instrumento de ensino e aprendizagem. Espera-se, assim, que mais pessoas possam se identificar e encontrar um sentimento de pertencimento dentro de si e dentro de um território criado e pensado para ser acolhedor e representativo.

Esse formato de transmissão do saber torna o ensino e a aprendizagem palpáveis e significativos. Nasce, assim, o espetáculo cênico musical *Corpo Território*, no qual cada ato é planejado para abordar temas relacionados ao território, territorialidade e ao corpo negro migrante, refletindo a importância e o propósito subjacentes de cada interpretação.

4 ATOS CÊNICOS

Neste capítulo, apresentaremos o ato cênico do espetáculo cênico musical *Corpo Território* em duas partes. A primeira abrange uma descrição detalhada do ato cênico, destacando seus segmentos musicais e discursos. A segunda parte consiste na análise das três apresentações do ato cênico realizadas em diferentes locais de Florianópolis (SC).

4.1 DESCRIÇÃO DOS ATOS CÊNICOS

Nesta seção, vamos descrever os três blocos que compõem o ato cênico do projeto *Corpo Território*. Cada bloco compreende um dos conceitos que foram debatidos no capítulo anterior, sobre a fundamentação teórica da pesquisa. O primeiro bloco tem como tema central o conceito de *território*, o segundo de *territorialidade*, e o terceiro de *corpo negro e ancestralidade*, como apresenta a Figura 6.

Figura 6 — *Canvas*: Descrição do Ato Cênico

KW CANVAS – DESCRIÇÃO DO ATO CÊNICO		
Primeiro Bloco: Território	Segundo Bloco: Territorialidade	Terceiro Bloco: Corpo negro e ancestralidade
<ul style="list-style-type: none"> • Três interpretações musicais; • Fala sobre território; • Três interpretações musicais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fala sobre territorialidade; • Quatro interpretações musicais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fala sobre Corpo Negro, ancestralidade e amor; • Áudio da avó da autora para iniciar o bloco (Corpo negro, ancestralidade e amor); • Quatro interpretações musicais • Fala sobre ancestralidade e saudade; • Quatro interpretações musicais.

Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

Como apresenta a síntese acima (Figura 6), cada bloco é estruturado por falas e interpretações musicais. O primeiro contém seis interpretações musicais e uma fala conceitual sobre *território*. O segundo, quatro interpretações musicais e uma fala conceitual sobre *territorialidade*. Por fim, o terceiro bloco é formado por oito interpretações musicais em que a autora traz o próprio corpo como matéria da ancestralidade, e contém ainda o áudio de sua avó, que é sua ancestral direta, junto de duas falas conceituais, sobre *corpo negro e ancestralidade*, que tratam de sentimentos reais — como amor, saudade e solidão — de um corpo que está longe de casa. A seguir, cada bloco é apresentado em detalhe.

4.1.1 Primeiro bloco: território

O primeiro bloco se inicia com uma cantiga que é cantada em terreiro de candomblé. A cantiga, em yorubá, saúda o orixá Exu, que abre os caminhos para que o espetáculo possa se iniciar, e é um pedido de licença e benção:

Exu lonan, Exu lonan. Modilê lodê elegbara. Legbara mirè Exu ona kewa ô⁹

Em seguida, as canções *Povoada* (Nunes, 2021) e *Um corpo no mundo* (Luna, 2017a) são interpretadas. Ambas exploram a relação entre o pertencimento e os conflitos territoriais. As músicas de Sued Nunes e Luedji Luna fundamentam a intervenção subsequente, que procura demonstrar o significado de *território*, sua relação de poder e a exclusão de corpos negros. A letra de Arlindo Cruz (2012), na música *O meu lugar*, destaca territórios periféricos como Madureira, onde a comunidade se identifica e compartilha suas experiências marginalizadas.

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã

⁹“Exu do caminho, eu brinco do alto da montanha para o senhor dar força. Exu, eu estou feliz Exu” (tradução nossa).

Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar
É sorriso, é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, iá laiá
Madureira, iá laiá
(Cruz, 2012)

Essa canção faz alusão a alguns bairros do Rio de Janeiro como um “lugar” em que o compositor Arlindo Cruz se sente pertencente: um território periférico, com terreiros, igrejas, samba e corpos periféricos. Essa é uma canção que traduz os sentimentos de muitas pessoas que vivem à margem dos centros urbanos e, quando cantada, faz com que muitas pessoas se identifiquem e cantem junto a canção. Assim, a interpretação permite compreender como o território reflete na territorialidade do corpo negro.

Por fim, para encerrar o primeiro bloco sobre território, são interpretadas as músicas *Pequenas alegrias da vida adulta* (Emicida, 2019a) e *Terra da Saudade* (Andrade, 2019), esta última da compositora cabo-verdiana que descreve sua própria terra.

Lá na terra o mundo gira
E não sabe p'ra onde se virar
Ninguém sabe que é p'ra cima

Nem p'ra onde fica o mar
 Lá na terra ninguém sonha
 Nem quer tempo p'ra sonhar
 (Andrade, 2019).

Como se pode ver, a letra enfatiza a falta de espaço para sonhos na terra natal da compositora, o que é uma realidade da construção de territórios para os corpos negros migrantes.

4.1.2 Segundo bloco: territorialidade

O segundo bloco do ato cênico aborda o conceito de territorialidade, cujo significado é, em geral, desconhecido fora do ambiente acadêmico. Inicia-se com uma fala da intérprete, que introduz ao público o conceito:

O corpo que sente muitas coisas, sente olhares, indagações, sente o racismo estrutural e territorial, o corpo periférico sente a falta de acesso, sente saudade, o corpo sente amor e a falta dele, por isso precisamos dos aquilombamentos, de família, quaisquer que seja ela e de autocuidado¹⁰.

Na sequência da fala, a primeira interpretação musical deste bloco é a música *Acalanto*, de Luedji Luna (2017).

Eu vou andando pelo mundo como posso
 E me refaço em cada passo dado
 Eu faço o que devo, e acho
 Não me encaixo em nada
 Não me encaixo, em nada

 Presto atenção nas dores
 E choro canções

¹⁰Reprodução da fala realizada no espetáculo cênico musical *Corpo Território* (2023).

Da boca da noite
Ao mais tardar das horas
Pensamento meu viaja
Até o amanhecer

Quem é que vai ser acalanto agora?
Agora, que eu não sinto nada mais
E nada faz sentido.
(Luna, 2017b)

A música de Luedji Luna (2017b) pode servir como uma aula sobre a territorialidade do corpo negro, sobretudo o corpo negro migrante. Em suas palavras, são traduzidos diversos sentimentos, por exemplo, o de não pertencimento a um território desacolhedor: “não me encaixo em nada”, frase que expressa um sentimento recorrente do corpo negro que migra em busca de um lugar a que possa pertencer e ser reconhecido.

O espetáculo prossegue com a interpretação de *São Jorge* (Metá Metá, 2012), que traduz a força do orixá Ogum, conhecido também como São Jorge no sincretismo religioso, uma força necessária para que o corpo negro possa viver e permanecer vivo.

Para encerrar este bloco, são apresentadas duas músicas que exploram o tema do amor, um sentimento muitas vezes negado ao corpo negro: *Espumas ao Vento* (Fagner, 1997) e composições do projeto *Lud Session* (2024), conduzido pela cantora e compositora Ludmilla, com participação especial de Gloria Groove. A ideia de trazer a narrativa do amor é abordar a importância de que o corpo negro ame e seja amado, pois o não pertencimento ao território embrutece a sensibilidade.

4.1.3 Terceiro bloco: corpo negro e ancestralidade

O último bloco inicia com uma fala da intérprete sobre sua relação pessoal com as

duas avós, com o objetivo de introduzir a ancestralidade e a conexão do corpo negro no espetáculo.

Minha avó paterna criou 7 filhos sozinha, ela dizia que ‘tudo o que nois tem é nois’, antes de me mudar para Florianópolis, todas as noites tomávamos chazinho de capim cidreira e assistíamos a novela das 9. A última frase que ela me disse ao se despedir foi: ‘Você não está só, eu tô longe, mas eu tô perto’

Minha avó materna sempre disse que ‘a fé move montanhas e que Deus nunca nos abandona’, ela sempre foi otimista, sempre me ensinou que antes de mim, muita coisa nessa vida aconteceu. Eu aprendi e vivi as várias fases do amor, hoje eu sei que posso amar e ser amada, assim como todas as mulheres desse mundo. Viva todas nossas ancestrais!¹¹

Ao finalizar a fala, reproduz-se um áudio da avó materna da intérprete, que traz conselhos sobre uma vida de experiências no território brasileiro. Em seguida, são interpretadas *A Ordem Natural das Coisas* (Emicida, 2019b) e *Maria, Maria* (Nascimento, 1978).

A merendeira desce, o ônibus sai
Dona Maria já se foi, só depois é que o Sol nasce
De madrugada é que as aranha tece no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu

E o Sol só vem depois
O Sol só vem depois
É o astro rei, ok, mas vem depois
O Sol só vem depois.
(Emicida, 2019b)

O objetivo é que o público que vivencia o espetáculo possa, ao ouvir as canções, sentir a força de mulheres que acordam antes do sol nascer, que precisam ter força e que, mesmo diante das muitas adversidades, mantêm sua fé na vida.

¹¹Reprodução da fala realizada no espetáculo cênico musical *Corpo Território* (2023).

São, portanto, canções que traduzem os conceitos de corpo negro migrante e ancestralidade.

4.2 EXECUÇÃO DOS ATOS CÊNICOS

Para atingir os objetivos de ensino e aprendizagem desta pesquisa, três atos cênicos do espetáculo musical *Corpo Território* foram interpretados em Florianópolis (SC) no ano de 2023. O espetáculo materializa a proposta de ensino e aprendizagem da pesquisa, por tornar acessíveis, ao público presente em cada apresentação, os conceitos da Geografia Humana, sobretudo o conceito de territorialidade. Nesta seção, iremos apresentar imagens e vídeos das apresentações.

O espetáculo cênico musical *Corpo Território* nasce com o intuito de traduzir e transmitir ao público os conceitos de território, territorialidade e corpo negro migrante. O espetáculo é o resultado desta pesquisa, por executar o ato cênico como processo de ensino e aprendizagem. O espetáculo também enfatiza os três conceitos fundamentais do trabalho, que levam o nome de cada bloco. Assim, cada conceito é um bloco do espetáculo, que é roteirizado, com falas da intérprete que dividem cada uma dessas etapas. Além disso, todas as músicas são interpretações de músicas brasileiras relacionadas aos fundamentos teóricos.

A banda, que nasce com o espetáculo *Corpo Território*, está representada na Figura 7, e é composta por Elen Cristina, idealizadora e vocalista, Laura Gelpi na direção, produção musical, arranjos, teclado, *backing vocal* e saxofone, Marina Dewi no *backing vocal*, Natte Malunga na produção musical, DJ, *backing vocal* e percussão.

O projeto foi apresentado em três momentos distintos: o primeiro no *O Araçá Botequim*, no leste da Ilha de Santa Catarina (Figuras 8 a 12), o segundo no Festival de Cinema de Mulheres *Lanterna Mágica*, no sul da Ilha (Figuras 13 e 14), e o terceiro e último ato no *Bugio Centro*, um bar no centro da cidade (Figuras 15 e 16).

Figura 7 — Ensaio fotográfico do projeto *Corpo Território* (Foto 1)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

Figura 8 — Cartaz de divulgação do espetáculo *Corpo Território* no Araçá Botequim



Fonte: Amanda Ramos e Puro Islad (2023).

Figura 9 — Ensaio fotográfico do projeto *Corpo Território* (Foto 2)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

Figura 10 — Ensaio fotográfico do projeto *Corpo Território* (Foto 3)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

Figura 11 — *Show Corpo Território* no Araçá Botequim (Foto 1)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

Figura 12 — *Show Corpo Território* no Araçá Botequim (Foto 2)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

Figura 13 — Cartaz de divulgação do show *Corpo Território* no Festival Lanterna Mágica



Fonte: Mídia social Festival Lanterna Mágica (2023).

Figura 14 — Show *Corpo Território* no Festival Lanterna Mágica



Fonte: Volo Filmes (2023).

Figura 15 — Cartaz de divulgação show *Corpo Território* no Bugio Centro



Fonte: Amanda Ramos e Mídia Bugio Centro (2023).

Figura 16 — *Show Corpo Território* no Bugio Centro (Foto 1)



Fonte: Amanda Ramos (2023).

As imagens incluídas nesta pesquisa documentam a realização dos três atos cênicos em diferentes locais de Florianópolis, sendo dois deles de acesso gratuito,

com o objetivo de promover uma participação democrática. Além disso, para ilustrar os efeitos práticos desta pesquisa, estão disponíveis [vídeos dos três atos cênicos musicais *Corpo Território*](#).

5 PROTOCOLO DO ESPETÁCULO CÊNICO MUSICAL

Para a construção e criação do espetáculo cênico musical *Corpo Território* realizamos um protocolo. O protocolo foi importante para garantir que os objetivos não se perdessem no caminho. Antes da apresentação dos três atos, todos os aspectos relacionados à banda, à produção e aos locais de realização foram planejados e elaborados, como ilustra a Figura 17.

Figura 17 — *Canvas*: Protocolo espetáculo cênico musical

KW CANVAS – PROTOCOLO ESPETÁCULO CÊNICO MUSICAL		
Tema Protagonístico	Protagonismo: Papel/Função	Integração dos Objetivos do Tema Protagonístico X Papel e Função das pessoas protagonistas
Espectáculo Cênico Musical "CORPO TERRITÓRIO"	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo Negro: Intérprete, Autora e Cantora; • Pessoa não Binária: Dj, Produtora Musical e Back Vocal; • Pessoa LGBTQIAPN+: Direção musical, Instrumentista, produtora musical, back vocal. 	<p>ATO 1: Estreia do espetáculo cênico musical, espetáculo este que tem como protagonista na função principal o corpo da autora deste trabalho, que é um corpo negro, colocando no primeiro encontro o tom do espetáculo. Evidenciando seu corpo negro migrante em um território majoritariamente branco.</p>
Tema Protagonístico Evidenciar as territorialidades do corpo negro migrante	Roteiro do Ato Cênico	<p>ATO 2: Os três, o de Elen Cristina, uma mulher cis gênero e negra migrante, de Natte Malunga, uma pessoa não binária e migrante, Laura Gelpi, uma mulher cis gênero LGBTQIAPN+ corpos que representam a diversidade, ocuparam cada qual com sua territorialidade o Festival de cinema de mulheres, este ato ocorreu na praça pública do Ribeirão da Ilha, localizada em Florianópolis. O espetáculo encerrou a noite de cinema negro brasileiro, os protagonismos foram muito importantes, visto que é um local branco, porém, com a presença de pessoas negras devido a temática da noite, evidenciando em local público a territorialidade do corpo negro migrante no território de Florianópolis.</p>
Contexto de Prod. do Espetáculo Importância de tornar o conceito da geografia humana (territorialidade) acessível	<ul style="list-style-type: none"> • ATO 1: Corpo Território – Araçá Botequim; • ATO 2: Corpo Território – Festival Lanterna Mágica do Cinema; • ATO 3: Corpo Território – Bugio Centro. 	<p>ATO 2: Último ato aconteceu no centro da cidade de Florianópolis, território que tem uma maior diversidade de corpos, sobretudo mais corpos negros, o espetáculo teve intervenções precisas do corpo negro da interprete, que levou elementos como camisetas, livros e textos que evidenciassem sua territorialidade e a importância dela, dialogando diretamente com o público que por sua vez foi majoritariamente negro.</p>

Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

O tema central do protocolo é evidenciar as territorialidades do corpo negro migrante, e tornar acessível o conceito da Geografia Humana de *territorialidade*. Além disso, toda a equipe artística é composta por coporalidades marcadas, como pessoas migrantes e também não binários, LGBTQIAPN+ ou negros.

Elen Cristina, intérprete e autora do projeto, é a voz do corpo negro migrante no espetáculo. Natte Malunga, *DJ*, produtora musical e *backing vocal*, representa o corpo migrante como pessoa não binária. Laura Gelpi, diretora musical, produtora musical, multi-instrumentista e *backing vocal*, é migrante e membra da comunidade

LGBTQIAPN+. Assim, o espetáculo perpassa três territórios, e cada um deles tem uma função dentro do protocolo construído.

5.1 PROTOCOLO ATO 1

A territorialidade da intérprete é colocada em evidência no primeiro ato, realizado no *Araçá Botequim*, um território mais intimista, onde o público estava mais próximo fisicamente, sentado e atento a cada intervenção e interpretação. A intenção foi que o corpo negro migrante colocasse em evidência sua territorialidade para um público majoritariamente branco.

5.2 PROTOCOLO ATO 2

O segundo ato ocupou o palco do Festival de Cinema de Mulheres *Lanterna Mágica* instalado em um espaço público na Praça da Igreja da Lapa, no Ribeirão da Ilha. Nesse ato, os três corpos que realizaram o espetáculo foram evidenciados: Elen Cristina, uma mulher cis negra, Natte Malunga, pessoa não binária, e Laura Gelpi, mulher cis e LGBTQIAPN+, compartilham a condição de migrantes. O segundo ato leva o espetáculo para a rua, um lugar democrático, e, assim, torna o processo de ensino e aprendizagem acessível através do cenário musical.

5.3 PROTOCOLO ATO 3

O terceiro ato ocorreu no centro de Florianópolis, em uma casa de *shows* popular, *Bugio Centro*, conhecida por sua diversidade de atrações e público que transita pelo território, sobretudo corpos negros e migrantes. Para esse encerramento, elementos significativos foram incorporados ao palco, como o livro de poesia *Sarau do Binho* (BINHO; SOARES, 2015), companheiro de Elen Cristina desde a adolescência, uma camiseta da *Fundão* (Figura 18), símbolo de representatividade do bairro onde a intérprete nasceu, e um disco autografado por Criolo, artista cujo trabalho tem muito significado para Elen. Esses elementos foram escolhidos para trazer à tona a territorialidade da intérprete e mostrar onde ela se sente pertencente.

Figura 18 — *Show Corpo Território* no Bugio Centro (Foto 2)



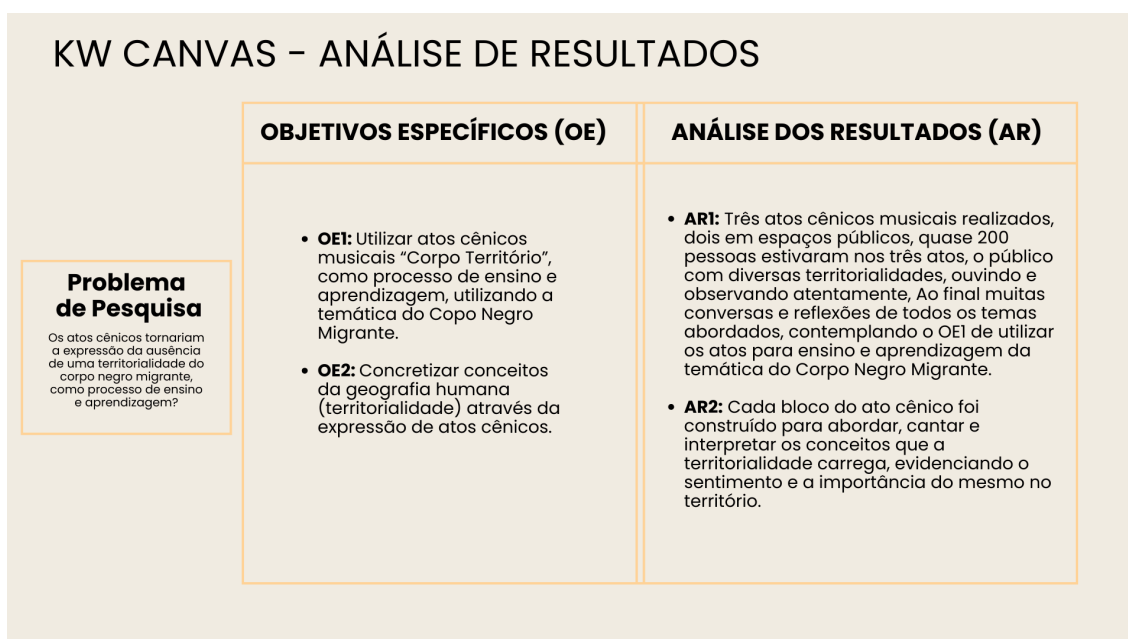
Fonte: Amanda Ramos (2023).

Para alcançar os resultados desejados, o protocolo estabelecido para o espetáculo cênico musical *Corpo Território* foi importante. Ele assegurou que todo o fundamento da pesquisa estivesse presente em cada ato interpretado e na concepção de cada bloco do espetáculo.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para avaliar se os atos cênicos musicais *Corpo Território* foram eficazes e obtiveram resultados positivos como um processo de ensino e aprendizagem, utilizando o corpo negro migrante para tornar palpável o conceito de territorialidade para o público, vamos analisar os resultados da metodologia aplicada (Figura 19).

Figura 19 — *Canvas*: Análise de Resultados



Fonte: elaborado pela autora com base no modelo do KW Institute (2024).

Para avaliar o impacto e os resultados dos atos cênicos musicais como um processo de ensino e aprendizagem, utilizaremos *feedbacks* e comentários coletados através de duas mídias digitais: Instagram (Figuras 20 a 22) e WhatsApp. Os comentários foram feitos diretamente pelo público que esteve presente em algum dos três atos cênicos que aconteceram Florianópolis e por pessoas que acompanharam o espetáculo por meio das redes de divulgação. Algumas pessoas pediram a realização do espetáculo em São Paulo (Figura 22).

No capítulo 4 deste trabalho, compreende-se que os conceitos de território e territorialidade foram traduzidos através de interpretações musicais e intervenções artísticas, cada bloco abordando um conceito específico. A partir disso, vamos

analisar os resultados da pesquisa para compreender se os atos cênicos conseguiram expressar a ausência de territorialidade do corpo negro migrante, como um processo de ensino e aprendizagem para o público que assistiu ao espetáculo.

Figura 20 — Comentários no Instagram (1)



Fonte: Instagram (2023).

Figura 21 — Comentários no Instagram (2)



Fonte: Instagram (2023).

Figura 22 — Comentários no Instagram (3)



Fonte: Instagram (2023).

Laura Gelpi, diretora musical, produtora musical e multi instrumentista do *Corpo Território*, compartilhou suas observações sobre a construção e participação no espetáculo:

Não posso falar do ponto de vista de expectadora do *show*, mas sim como corpo constituinte dessa experiência que transcende o território artístico. *Corpo Território* é um espetáculo político musical que utiliza da música para demarcar o território do corpo negro num estado majoritariamente branco e racista. Perpassa pela dimensão espiritual, do autocuidado, do amor e também da militância. Passa uma mensagem muito importante para todos que assistem: os corpos são múltiplos e existem em concomitância em um território, alguns com privilégios e muitos com injustiças, porém a demarcação é necessária para que se alcance a sororidade e a reparação histórica¹².

Mônica Miranda, espectadora do espetáculo que assistiu aos três atos, também compartilhou seu *feedback* através do WhatsApp:

Foram tantos lembretes e resgates sobre meu corpo e os espaços que ele ocupa, além de perceber o quanto os espaços também me moldaram e me influenciaram a ser quem eu sou. Um lembrete pra sentir a diversidade de caminhos que se dá pra chegar através da música transitando por estilos musicais, instrumentos e composições.

¹²Depoimento de Laura Gelpi concedido para esta pesquisa em 2023.

Corpo território é uma experiência sensorial que atravessa todos os caminhos do corpo. É travessia e chegada ao mesmo tempo¹³.

Além desses depoimentos, outros espectadores também comentaram os três atos cênicos:

- “Foi uma espécie de conexão, compreensão, não sei, acho que o teu sentir me fez sentir felicidade e pertencimento”;
- “Não pude assistir presencial por estar longe, mas pelas fotos e vídeo senti potência”;
- “Sensação de ter encontrado meu pertencimento! Através da linda mensagem do seu show”;
- “Me identifiquei com o show, os estilos musicais que aparecem atravessam minha vivência”¹⁴.

Através dos comentários descritos acima e na análise das Figuras 20, 21 e 22, destacam-se palavras como "pertencimento", "potência", "corpo negro", "diversidade", "conexão" e "compreensão". Todas essas palavras são importantes para traduzir a territorialidade do corpo negro migrante, como foi discutido ao longo deste trabalho. Isso porque, um corpo que tem a sua territorialidade reconhecida e respeitada se sente poderoso e pertencente. Dessa forma, entende-se que os três espetáculos cênicos musicais *Corpo Território* reforçam, traduzem e tornam acessíveis o conceito de territorialidade em forma de arte um conceito que valida o sentimento de pertencimento do corpo negro migrante.

Estima-se que cerca de 200 pessoas tenham assistido ao espetáculo, com diversas territorialidades. A intérprete continua a reverberar os atos através de suas redes sociais, mantendo a frase *Corpo é Território* em sua biografia do Instagram e destacando os registros de todos os três atos realizados em outubro, novembro e dezembro de 2023 (Figura 23).

¹³Depoimento de Mônica Miranda concedido para esta pesquisa em 2023.

¹⁴Depoimentos de Melina, Bianca, Cristhian Rocha e Lívia, respectivamente, concedidos para esta pesquisa em 2023.

Figura 23 — Biografia e destaques no Instagram



Fonte: Instagram Elen Cristina (2023).

7 CONCLUSÃO

As construções territoriais refletem uma história marcada, que é estruturalmente racista, essa construção marca o silenciamento de corpos negros, porém, a resistência e resiliência dos mesmos como resposta. É fundamental que as narrativas e experiências negras sejam valorizadas, para que o racismo seja combatido e que o pertencimento exista em mais territórios, pois a territorialidade do corpo negro migrante tem memória, ancestralidade e resistência. Ser um corpo negro migrante é ser lugar de pertencimento. No capítulo 3, exploramos os conceitos de *território*, *territorialidade* e o *corpo negro migrante* através das perspectivas teóricas de Raffestin (1993), Haesbaert (2004), Collins (2019) e Gonzalez (2020a; 2020b). Investigamos, através desses autores, como a configuração dos territórios e a vivência territorial moldam as experiências dos corpos negros. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para reconhecer e enfrentar a ausência de uma territorialidade do corpo negro migrante, que só se efetiva a partir da troca, do afeto e do reencontro com outros corpos negros migrantes espalhados por diversos territórios.

A análise do território e da territorialidade revela que as construções espaciais estão intrinsecamente ligadas às relações de poder. O território, como espaço de poder, molda as experiências individuais e coletivas, influenciando percepções e experiências, sobretudo suas territorialidades. No contexto do corpo negro migrante, essas construções territoriais refletem uma história marcada por silenciamento e opressão, mas, ao mesmo tempo, resistência e resiliência. As construções territoriais evidenciam a capacidade dos corpos negros de transformar e reconfigurar suas territorialidades, e é necessária a compreensão das mesmas para fortalecer o senso de pertencimento em diferentes territórios.

Portanto, ao reconhecer e valorizar as contribuições dos corpos negros para a formação territorial e cultural do Brasil, promovemos o direito do corpo negro de se ver como parte de algo maior, de se sentir pertencente. Isso faz com que cada corpo negro migrante tenha a sua territorialidade e que o silenciamento não seja uma opção. Assim, vislumbramos uma sociedade futura mais justa e inclusiva. A valorização das narrativas e experiências negras é fundamental para combater o

racismo e promover a equidade, permitindo que todas as pessoas se sintam representadas, confortáveis e bem-vindas em qualquer território independentemente de sua origem.

Nos capítulos 4, 5 e 6, abordamos a experiência prática desta pesquisa, o espetáculo *Corpo Território*. No capítulo 4, descrevemos o ato cênico desenvolvido, o roteiro de interpretações musicais e falas, além de apresentar as três execuções do ato realizadas em Florianópolis (SC). O capítulo 5 debate o protocolo formulado por esta pesquisa para a realização dos atos cênicos. E, por fim, o capítulo 6 apresenta os resultados da pesquisa, em especial os depoimentos do público presente em algum dos três atos cênicos executados.

O espetáculo cênico musical *Corpo Território* demonstra que, através da cultura e da música, conceitos complexos da geografia humana podem ser traduzidos e compartilhados com públicos distantes da academia. Mais importante ainda, o espetáculo permite que esses públicos se sintam representados e contemplados, ao compreenderem que existe sua própria territorialidade. O conceito de territorialidade, portanto, se tornou palpável através do espetáculo *Corpo Território*, que foi entendido como processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mayra. **Terra da saudade**. Nova York: Sony Classical Records, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V_YsY_2oevE. Acesso em: 22 jul. 2024.
- BINHO; SOARES, Suzi (org.). **Sarau do Binho**: antologia ii. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.
- BRAGA, T. J. K. Do território da USP para a territorialidade do corpo negro. **Boletim Paulista De Geografia**, 1(104), pp. 205–226, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CIMINO, James. Moradores de Higienópolis se mobilizam contra estação de metrô. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ago. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1308201011.htm>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUSC, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec e Anpur, pp. 251–257, 1994.
- CRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- CRUZ, Arlindo. **O meu lugar**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2012. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=TC3BhhraHgc>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- EMICIDA. **Pequenas Alegrias Da Vida Adulta**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RVZCB3_011c. Acesso em: 22 jul. 2024.
- _____. **A Ordem Natural das Coisas**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cXOAqWOlcM>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- FAGNER. **Espumas ao vento**. Nova York: RCA Records, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5OsCnEfNPK4>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- FERNANDES, Dalvani. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: algumas contribuições de Raffestin. **Perspectivas em Políticas Públicas**, [S. l.], 2(4), pp.

59–68, 2009. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/954>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FUINI, L. L. O TERRITÓRIO EM ROGÉRIO HAESBAERT: CONCEPÇÕES E CONOTAÇÕES. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], 21(1), pp. 19–29, 2017. DOI: 10.5902/2236499422589. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589>. Acesso em: 22 jul. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a. p. 43-57.

_____. Mulher negra. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b. p. 84-97.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LUDMILLA. **Lud Session**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=0-mKwNMXETo>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo**. São Paulo: YB Music, 2017a. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>. Acesso em: 22 jul. 2024.

_____. **Acalanto**. São Paulo: YB Music, 2017b. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hv9ZPLviHyM>. Acesso em: 22 jul. 2024.

METÁ METÁ. **São Jorge**. São Paulo: El Rocha, 2012. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=3sXU2YqUKOY>. Acesso em: 22 jul. 2024.

NASCIMENTO, Milton. **Maria, Maria**. Londres: EMI, 1978. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7tbNG0KqTUA>. Acesso em: 22 jul. 2024.

NEVES, Gervásio Rodrigues. Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas). In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec e Anpur, pp. 270–282, 1994.

NUNES, Sued. **Povoada**. Miritiba: Mugunzá Records, 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>. Acesso em: 22 jul. 2024.

RAFFESTIN, Claude. O território e o Poder. In: RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, pp. 143–159, 1993.

SILVA, Harrysson Luiz da (org.). **Instituto de Geração de Tecnologias do Conhecimento: KW**. Disponível em: <https://kw institute.org/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SOARES JUNIOR, A. Q.; SANTOS, M. A. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. **GEOGRAFIA**, Londrina (PR), 27(1), pp. 7–25, 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STARTUPI. **5 startups de impacto social para ficar de olho em 2023**. 2022. Disponível em: <https://startupi.com.br/startups-impacto-social/>. Acesso em: 22 jul. 2024.